

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 11.596

Sábado, 9 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 a 113

Não se pode permitir
que a Moagem meta
mais uma vez
as mãos nas algibeiras do consumidor

ESCALDALOSO!

COMO SE COMPRIMEM AS DESPESAS DO ESTADO

Para se fazer uma ideia do rágos em que tudo "isto" se encontra leia-se o que a seguir publicamos:

Uma irmã do ex-ministro sr. Vicente Ferreira, detém o lugar de terceiro oficial do ministério da Agricultura e desde o ano de 1919 que não aparece no emprego. Entretanto recebe o seu vencimento que é de 531\$00 mensais.

O sr. Câmara Pestana, do aludido ministério, aufera mensalmente quantia parecida com 1.700 escudos. Há muito que não exerce a sua missão burocrática. Em compensação é industrial em Coimbra, ccoitado...

O jornalista (vampiros!) Eduardo Fernandes «Escalápio» (tentaculados!) tem um lugar na Caixa Geral dos Depósitos (ladrões!) onde não comparece e recebe os vencimentos (polvos!).

Maria Natividade Caeiro, desde 1918 que tem o lugar de terceiro oficial do referido ministério, nunca compareceu ao serviço, recebendo por mês a bonita quantia de 531 escudos. Tanto trabalho é realmente mal pago...

Diz-se que o sr. ministro das Finanças está comprimindo as despesas e aumentando as receitas. Será verdade?

É demasiado! É demasiado!

Os delegados presos em Sevilha tem de ser postos rapidamente em liberdade

Ainda estão encarcerados em Sevilha os delegados portugueses que fôram junto da C. N. T. espanhola, para estreitar os fraternalas laços de solidariedade entre o proletariado dos dois países. A prisão, representou uma iniquidade o pretexto invocado para a realizar: uma mentira grotesca e uma calúnia torpe; o prolongamento da prisão significa o agravamento da iniquidade cometida.

Não são dois homens de ideias revolucionárias que estão sofrendo nos cárceis de Sevilha as consequências duma sua iniciativa. A sua entrada naquela cidade, não foi uma aventura nem se caracterizou por um rasgo de audácia. Foram a Sevilha representar um organismo: a C. G. T. Por meio desse organismo representavam o proletariado português. Se sofrem os horrores do cárcere a responsabilidade desse sofrimento, da supressão da sua liberdade, cabe ao governo espanhol. Mas cabe também aos que consentem pacificamente que a sua prisão se prolongue. Moralmente é a organização operária, a C. G. T., quem se encontra nos cárceis de Sevilha. E' bom reparar que não só elas não fôram em missão de mera iniciativa individual, nem foi por razões individuais que foram presos. Eles em Sevilha juntou a C. N. T. representavam a C. G. T. E' pois a C. G. T. quem está moralmente captiva em Sevilha. A iniquidade exercida contra dois homens recaiu directamente no organismo que elas representavam e que lá os mandou. A sua prisão representa uma afronta. Uma afronta unicamente a elas? Não. Uma afronta feita ao proletariado português e ao proletariado espanhol. O proletariado português, abandonando à sua sorte os delegados presos, pratica diante da reacção espanhola, um gesto muito triste donde se extraem inevitavelmente conclusões muito amargas. Ora o operário não está em atitude de quem se resigne e de quem abdica em face duma arbitrariedade. Os exemplos que, por meio de consecutivos movimentos energicos, tem prestado, mostra que ele não se curva perante a tirania, nem se mostra coado e receoso diante das forças inconscientes e obedientes que ao serviço dessa tirania se encontram. Successivos protestos tem sido votados em reuniões, sessões, assembleias de sindicatos, a demonstraram que o proletariado se encontra na intenção de reagir contra uma violência inútil que, a prolongar-se como se tem prolongado, se tornou odiosíssima.

Notas e Comentários

Um caso misterioso

Com este título publicou ontem A Batalha uma pequena local que deixou entrever vagamente aos nossos leitores mais um crime praticado na odiosa sociedade em que vivemos. Algumas amigas pediram-nos para revelarmos quanto a nosso segredo. Não podemos atender por enquanto. O caso é muito misterioso e não convém que falemos abertamente a seu respeito senão estivermos seguros da sua autenticidade. Um dia antes de tempo pode espartir a liberdade. Limitemo-nos, por agora, a lutar bem a arma.

As ideias de Ghandi

Ghandi, a quem o Diário de Notícias ontem se referia com leve ironia, dizendo que ele se encontrava priso por pregá-la resistência dos indus contra os ingleses e por discordar da medicina europeia que em vez de tentar o antiquado, das causas das doenças apenas se preocupa com os seus efeitos, já foi pelo governador da província de Bombaim, posto em liberdade. Mohandas Karamchand Ghandi é um homem de uma cultura superior e dum píreza de doutrinas que o impõem a consideração de todos os seus conterrâneos. As suas ideias filosóficas de resistência passiva contra o mal estão apaixonando os homens cultos da Europa, tendo já dado lugar a uma interessante discussão entre os grandes escritores Romain Rolland, que o defende, e Henri-que Barbusse, que o ataca.

Pobre burguesia...

Um telegrama da Rádio diz lachicamente que o poderoso industrial alemão Hugo Stinnes fez um contrato com os proprietários de s.s. comunas no distrito de Burgdorf, na Hanover, para que lhe seja concedido o direito exclusivo de fazer sondagem para procura-

português ficasse com sangue frio diante da inexplicável inércia do sr. Melo Barreto. Essa inação portuguesa já reconheceu que nenhum motivo existe em que se possam basear as prisões efectuadas como a sua iniqua e absurdamente eternização. O governo português já habilitou o seu representante, o representante do Estado português em Madrid, a tratar do assunto junto do governo espanhol. E, os dias continuam rolando, e os delegados vão continuando no cárcere de Sevilha...

Esqueceu-se, por ventura, o sr. Melo Barreto, que é o ministro de Portugal em Madrid, de dar conhecimento ao governo espanhol das decisões do governo português? Assim parece, pois que muitos dias passaram, e até agora nada consta da ação que ele tinha o dever de exercer neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de fazer as diligências de que o governo português o encarregou.

Seria imoral que o proletariado

a nada está resolvido. Os presos

que o seu direito de liberdade nem

de iniquidade nem de incerteza. Que

o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de fazer as diligências de que o governo português o encarregou.

Seria imoral que o proletariado

a nada está resolvido. Os presos

que o seu direito de liberdade nem

de iniquidade nem de incerteza. Que

o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

neste emergência.

Os delegados detidos, e o proletariado português, não podem estar indefinidamente à espera que o sr. Melo Barreto se recorde de

que muitos dias passaram, e até

agora nada consta da ação que

ele tinha o dever de exercer

EDEN-TEATRO

As 21 horas

A célebre mágica de
EDUARDO
GARRIDO

Teatro de S. J. A. O
espec-
táculo
mais atraen-
te e mais
deslumbrante
de todos os teatros
de Lisboa
O «récord» das encheres

Os dois inimigos

Os dois inimigos fundamentais do proletariado são o capital e o militarismo.

O primeiro é o despotismo cruel e sem consciência que, à superfície da terra, explora as forças e o trabalho de milhões de homens, dando-lhes apenas em troca o miserável salário de cada dia, sempre discutido e contestado no filtro da usura, do egoísmo e da ambição do lucro. O segundo é o serventuário passivo e automático do primeiro pronto a defendê-lo e a protegê-lo, em nome dessa razão suprema a que chamam ordem pública?

O sereno decorrer em paz de lidas de explorações e torpezas, e a tranquila digestão dos felizes da vida, que não consentem nem toleram que os infinitamente desgraçados lhes alterem a sua felicidade, tantas vez sobrenadante num mar de lágrimas e desventuras unhas.

Se não houvessem grandes disparidades sociais, se uns não rebentassem de fatos enquanto outros estalam de fome; se de um lado não estivessem as esplendorosas grandezas e do outro as infinitas misérias, se depois dos brios entoados pelos venturosos e contentes, não se escutasse os rugidos dos infelizes e desesperados, a ordem pública seria uma frase desconhecida, porque vrias se dariam entre os homens outros conflitos que não fossem os que provêm dos ódios particulares, da embriaguez, dos ciúmes, e de outros desejos próprios e inerentes às paixões humanas.

O burguês paupélio, refastelado e ríco, que blasfema de que trabalha muito, quando na verdade os outros é que trabalham para ele, nunca recusa nem sequer pensa nesses conflitos puramente particulares. O que a ameaçam são as aspirações do proletariado, daquela que o enriquecem na fábrica e na oficina, e chegam, à veleja, ao ônus do militarismo de assassinar os que reclamam contra as explorações de que são vítimas.

As mães devem ensinar os filhos despequenos a odiam a farda como libré presidiária que tolhe a liberdade do homem, que o acorrenta a um poste de bronze, e que o obriga a matar o seu desventurado irmão quando é exigida justiça e supica equidade, pretendendo quebrar as algemas que o capital lhe aperta em nome do pão dos filhos.

Quantas vezes, nessas revoltas dos pobres mineiros belgas, austríacos, ingleses, franceses, as tropas não temem morto os seus parentes mais próximos, que vivendo debaixo do chão como as toupeiras, se revoltaram contra esses nababos que à sua custa estendiam palácios maravilhosos e joias de preço, passando pelo mundo nos seus magníficos barcos de recreio?

Zola descreveu no *Germinal* a vida desse mundo que estava na disposição de conceder uma entrevista, levando uma refeição de consumidor moderno, sobre a ditadura.

Brusca inspiração me fez sair dum bolso o lápis e do outro o papel. Porque não entrevistar a *Batalha* um partidário da ditadura?

Reparei que a conversa ia decorrente em frases curtas, sem malícia, sem reflexão, sem ideias, sem factos, sem interesse. Parecia-se com as entrevistas dum jornal da noite.

O patriota a confirmar o meu reparo de que esse mundo que estava na disposição de conceder uma entrevista, levava uma refeição de consumidor moderno, sobre a ditadura.

Seriam integrados dentro da nação redimida; e libertos das oligarquias, seriam capacidades técnicas, ligados numa organização sindical aos patrões; dentro das crenças dos nossos avós, amando a sua patria.

— A crise de habitações para operários?

— Os operários constituiriam na família nacional, lares integrados na tradições portuguesas, casamentos religiosos, com divórcios proibidos em nome das interesses da nação. Contraria-se a casa dos 24, onde caberiam todos integrados nos princípios nacionalistas...

— Se os salários não correspondessem à possibilidade de poderem viver?

— Os operários viveriam com qualquer salário por ficariam integrados nos princípios redentores dum Portugal Maior, sem greves que são contra a pátria e defendendo a pátria que é contra as greves...

— Mas, o trabalhador ficaria sofrendo uma exploração que lhe daria por alimento a fome, por justiça o sabre, e por direito, a resignação absoluta.

— O trabalhador porque representa o trabalho seria colaborador do patrão e o patrão seria colaborador do operário, sendo ambos patrões e operários, a integração da pátria na redenção da pátria pela ditadura nacional que encarando a nação libertava o trabalho, salvava a pátria e libertava a nação.

— Pretendo libertar-me de tanta profundiade de ideias, quiz estimar uma parte donde a verdade é lógica, saltava com incerteza de desconcertar o mais lúcido dos doidos. E para me libertar perguntei-lhe:

— Once deu o meu amigo ao seu espírito uma orientação tão interessante: — O patriota disse-me misteriosamente ao ouvido:

— Li isto num livro dum rapaz que é chefe dum movimento nacionalista...

TEATRO NACIONAL

HOJE SÁBADO,

A PEÇA HISTÓRICA

O Pasteleiro de Madrigal

Espectáculo intensamente artístico

A DITADURA NACIONAL

Um partidário do nacionalismo expõe à *Batalha* ideias abundantes

Como fôsse de definido inverno o dia todo, para esquivar-me da chuva e tempos que dum céu hostil e cinzento ontem não deixou de cair — escondi-me num «café». Descobri-me um patriota fogoso, que durante os primeiros minutos fez chover sobre mim a sua indignação contra a Inglaterra. Queria aniquilar a «patriota que, juntando murro à palavra, barria nervoso o marmore fingido da mesa. Eu escutava-o mal, distraído com a chuva que fazia curvar todos os corpos e aborreça todas as fisionomias.

Da Inglaterra, o patriota passou à corrupção. Da corrupção tinha de correr para a política e de facto lá chegou com certa excitação no olhar. Quando eu, já resignado pedia um café ao criado, pediu ele exaltado a Deus, ao bom Deus, uma ditadura forte como um exemplo, e reluzente como uma espada. Discordei, aborrecido. Ele subitamente alegre por encontrar adversário, volveu-me já disposto a uma controvérsia mais impulsionária, tantas vezes deturpado aí por aqueles que sinceramente o afirmam.

Na hora em que o movimento anarquista esboça uma intensa actividade, combatendo todo o confusionismo existente e afirmando as ideias revolucionárias na sua rigorosa interpretação, sente-se a necessidade da revista doutrinária, com fins construtivos, que va completar a ação demolidora do jornal.

Compreendendo aquela necessidade, o grupo «Claridade» tomou a iniciativa da publicação dumha revista libertária, com a orientação enunciada. Lançou-se há tempos na sua propaganda, tendo já colhido resultados que animam os componentes do «Claridade» a prosseguir na efectivação da sua iniciativa, apesar das inúmeras dificuldades a vencer, as quais se devem atribuir, mais do que a circunstâncias materiais, ao espírito rotineiro dos nossos meios.

Através das receitas já obtidas por várias contribuições, realiza hoje o grupo «Claridade» uma récita no teatro Gil Vicente, para conseguir o complemento das receitas obtidas.

O espectáculo inicia-se às 21 horas, com a representação da peça admirável de Joaquim Dicenta, «João José», que será desempenhada pela própria companhia do teatro, que gentilmente colabora na récita.

Os bilhetes que restam encontrar-se-hão hoje à venda na bilheteira do teatro, desde as 19 horas.

Procura o grupo «Claridade» iniciar

uma fértil iniciativa, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Mas ainda desta vez não logrou êxito tanto fértil, inventiva, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Nesta ordem de ideias, o governo russo, com a harmonia com os desejos expressos pelo segundo congresso da União das Repúblicas Socialistas, que afirmou ter constituído sempre a cooperação amistosa entre os povos da Grã-Bretanha e da União Soviética, a maior preocupação desta última, a Rússia está disposta a iniciar quanto antes a discussão para um acordo, inspirado no melhor espírito de amizade, sobre todas as questões que directa ou indirectamente possam estar em correlação com o reconhecimento do governo inglês.

O governo russo declara ainda que, em consequência das intensões que o animam, está pronto a entender-se com o governo britânico para a substituição de todos os antigos tratados que tenha sido denunciados ou que hajam deixado de estar em vigor em virtude da guerra europeia.

Nesta ordem de ideias, o governo russo, com a maior urgência possível, agentes diplomáticos com plenos poderes para assinar um acordo sobre todas as reclamações pendentes e todos os direitos existentes entre as duas partes, assim como para assentir nos meios de restabelecer o crédito russo na Grã-Bretanha.

Não obstante tam terminantes declarações, a polícia mantém José da Silva preso há 11 dias, não mostrando a mínima pressa em definir a sua situação, embora isto represente uma revoltante arbitrariedade.

APOLO

HOJE, às 9 1/2 da noite
NOVIDADES E ATRACÇÕES
Récita dos autores
Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa
com a sua dupla maravilhosa. I. revista
fantasia

FRUTO PROIBIDO
Novas alusões — A Filarmónica Nacional e As promessas da propaganda
12 Quadros maravilhosos 12
critica política de oportunidade

PARA A PROPAGANDA ANARQUISTA

OS objectivos

duma revista de ideias
que o grupo «Claridade» pretende alargar brevemente para a publicidade

A FESTA DE HOJE NO GIL VICENTE

E' hoje que se realiza a récita promovida pelo grupo «Claridade», com o fim de angariar receitas para a publicação dumha revista de doutrina e crítica. Todos nós sentimos a necessidade de uma forte ação libertária, no sentido de esclarecer o pensamento revolucionário, tantas vezes deturpado aí por aqueles que sinceramente o afirmam.

Devido a uma falsa denúncia do deator que se chamou António Duarte, de há muito que o metalmecânico José da Silva vinha sendo perseguido pelos modernos esbirros, que, para sacarem seus mesquinhos ódios, não hesitaram em prender a mãe e as irmãs do referido operário.

Vendo este a impossibilidade de trabalhar em Lisboa, procurou trabalho em Setúbal, o que conseguiu, mas até esta cidade não o deixaram em paz os esbirros da P. S. E., que o prendeu só a acusação de bombista.

Como isto não pegasse, a polícia quis fazê-lo a autor de outro terrível crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Devido a uma falsa denúncia do deator que se chamou António Duarte, de há muito que o metalmecânico José da Silva vinha sendo perseguido pelos modernos esbirros, que, para sacarem seus mesquinhos ódios, não hesitaram em prender a mãe e as irmãs do referido operário.

Não obstante tam terminantes declarações, a polícia mantém José da Silva preso há 11 dias, não mostrando a mínima pressa em definir a sua situação, embora isto represente uma revoltante arbitrariedade.

Além das receitas já obtidas por várias contribuições, realiza hoje o grupo «Claridade» uma récita no teatro Gil Vicente, para conseguir o complemento das receitas obtidas.

O espectáculo inicia-se às 21 horas, com a representação da peça admirável de Joaquim Dicenta, «João José», que será desempenhada pela própria companhia do teatro, que gentilmente colabora na récita.

Os bilhetes que restam encontrar-se-hão hoje à venda na bilheteira do teatro, desde as 19 horas.

Procura o grupo «Claridade» iniciar

uma fértil iniciativa, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Mas ainda desta vez não logrou êxito tanto fértil, inventiva, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Nesta ordem de ideias, o governo russo, com a maior urgência possível, agentes diplomáticos com plenos poderes para assinar um acordo sobre todas as reclamações pendentes e todos os direitos existentes entre as duas partes, assim como para assentir nos meios de restabelecer o crédito russo na Grã-Bretanha.

Não obstante tam terminantes declarações, a polícia mantém José da Silva preso há 11 dias, não mostrando a mínima pressa em definir a sua situação, embora isto represente uma revoltante arbitrariedade.

Além das receitas já obtidas por várias contribuições, realiza hoje o grupo «Claridade» uma récita no teatro Gil Vicente, para conseguir o complemento das receitas obtidas.

O espectáculo inicia-se às 21 horas, com a representação da peça admirável de Joaquim Dicenta, «João José», que será desempenhada pela própria companhia do teatro, que gentilmente colabora na récita.

Os bilhetes que restam encontrar-se-hão hoje à venda na bilheteira do teatro, desde as 19 horas.

Procura o grupo «Claridade» iniciar

uma fértil iniciativa, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Mas ainda desta vez não logrou êxito tanto fértil, inventiva, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Nesta ordem de ideias, o governo russo, com a maior urgência possível, agentes diplomáticos com plenos poderes para assinar um acordo sobre todas as reclamações pendentes e todos os direitos existentes entre as duas partes, assim como para assentir nos meios de restabelecer o crédito russo na Grã-Bretanha.

Não obstante tam terminantes declarações, a polícia mantém José da Silva preso há 11 dias, não mostrando a mínima pressa em definir a sua situação, embora isto represente uma revoltante arbitrariedade.

Além das receitas já obtidas por várias contribuições, realiza hoje o grupo «Claridade» uma récita no teatro Gil Vicente, para conseguir o complemento das receitas obtidas.

O espectáculo inicia-se às 21 horas, com a representação da peça admirável de Joaquim Dicenta, «João José», que será desempenhada pela própria companhia do teatro, que gentilmente colabora na récita.

Os bilhetes que restam encontrar-se-hão hoje à venda na bilheteira do teatro, desde as 19 horas.

Procura o grupo «Claridade» iniciar

uma fértil iniciativa, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Mas ainda desta vez não logrou êxito tanto fértil, inventiva, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Nesta ordem de ideias, o governo russo, com a maior urgência possível, agentes diplomáticos com plenos poderes para assinar um acordo sobre todas as reclamações pendentes e todos os direitos existentes entre as duas partes, assim como para assentir nos meios de restabelecer o crédito russo na Grã-Bretanha.

Não obstante tam terminantes declarações, a polícia mantém José da Silva preso há 11 dias, não mostrando a mínima pressa em definir a sua situação, embora isto represente uma revoltante arbitrariedade.

Além das receitas já obtidas por várias contribuições, realiza hoje o grupo «Claridade» uma récita no teatro Gil Vicente, para conseguir o complemento das receitas obtidas.

O espectáculo inicia-se às 21 horas, com a representação da peça admirável de Joaquim Dicenta, «João José», que será desempenhada pela própria companhia do teatro, que gentilmente colabora na récita.

Os bilhetes que restam encontrar-se-hão hoje à venda na bilheteira do teatro, desde as 19 horas.

Procura o grupo «Claridade» iniciar

uma fértil iniciativa, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial a tiro.

Mas ainda desta vez não logrou êxito tanto fértil, inventiva, visto que o referido industrial e várias testemunhas, sendo chamados ao Governo Civil, declararam preteritamente, nas barbas policias, não ser José da Silva, o crime: José da Silva alvejaria um industrial

DOUTRINA & CRÍTICA

SINDICALISMO E REVOLUÇÃO

Os principais elementos de revolta

A revolta nasce directamente do sofrimento; mas é preciso não confundir os termos: a longa miséria, por exemplo, provoca a depressão mental, o desalento e a abdicação de toda a dignidade pessoal; favorece o alcoolismo e o embriaguez, e arrasta, por último, o ser humano, à mais completa degeneração a que se pode descer. De tam lamentável estado são exemplo os mendigos.

Quere isto dizer que a melhoria das condições de vida aumenta o espírito de revolta? Vemos que certos operários, em certas categorias de operários, quando favorecidos por condições económicas especiais, se encerram, muitas vezes, num estreito egoísmo. O seu ideal apenas consiste em defender da concorrência a sua situação privilegiada: medidas contra os operários não sindicados, até mesmo com o auxílio dum acordo patronal, ao passo que os direitos exorbitantes de admissão restriem as adesões ao sindicato (Estados Unidos); medidas prebitivas exigidas do governo contra os trabalhadores estrangeiros (Austrália, Nova-Zelândia, etc.).

O bem estar não engendra solidariedade, nem espírito de revolta, nem ideal revolucionário. Os operários classificados, como recebem salários remuneradores não pensam, em geral, em perturbar a sociedade; procuram assegurar-se o bem estar pelo cooperativismo, o mutualismo e a restrição sexual. Apressamo-nos a dizer que os não censurados não é para admirar que cada um procure melhorar a sua situação — uma vez que não seja à custa dos demais trabalhadores e que não se vejam salários explorarem por seu turno, nas suas cooperativas, salários como os. Os que assim procedem acreditam nas reformas e reclamam os favores dos poderes públicos. Tiram de se arranjar da maneira mais cômoda e de se adaptar o melhor possível ao meio actual.

Vamos, pois, que a melhoria das condições de vida não conduz mais à revolta do que o estado de miséria permanente. Para que uns e outros, miseráveis e privilegiados, sentissem revolta, teriam que primeiro sentir a sensação de sofrimento, e até mesmo esta sensação devia ser tam forte que se tornasse intolerável.

Por certo sofrerá o indivíduo que veja as suas condições de vida piorarem, ou o seu bem estar diminuir. Quando falo de bem estar ou de miséria, tomo sempre estas expressões no sentido geral, quer se trate de condições económicas ou morais. O indivíduo atingido sentirá tanto mais o sofrimento quanto mais rápida for a sua mudanças de situação.

A reação, ao princípio, será muito intensa, mas, com o decorrer do tempo, ir-se-há atenuando, o que constitui afinal uma lei comum a todos os fenômenos biológicos. Em começo a excitação brusca produz uma reação muito forte que pouco a pouco diminui, não obstante a permanência da excitação. O próprio sofrimento enfraquece, quer seja causado por um sentimento de luto, quer por sensação de trabalho material.

Uma vez passado o primeiro momento, o homem habita-se ao seu novo estado, adaptando-se. Se se trata de uma diminuição de bem estar, restringe as suas necessidades, e, para explicação da sua infelicidade, cria ou aceita razões que lhe justificam e o satisfazem, diminuindo-lhe assim o sofrimento moral. Não será sacudido do seu torpor, da sua inércia, senão por nova provação ou por um excitante cerebral, a propaganda, por exemplo.

Além disso, para que a sensação de sofrimento conduza à revolta, é necessário que tal sofrimento fira o sentimento de justiça do indivíduo atingido. De contrário, só pela dor moral se fará sentir, isto é, pela depressão nervosa, prantos e lamentações.

Se o sentimento de justiça do indivíduo é ofendido, se a vítima pode trasladar a causa do seu sofrimento para

autores responsáveis ou pseudo-responsáveis, saltam os sentimentos de indignação e cólera, que podem determinar os actos de revolta.

Ainda neste momento tudo pode malograrse, por causas múltiplas: se, quando se sentem desadas, as vítimas não sabem sobre quem fazer recuar a própria cólera; se estão compenetradas do sentimento de fraqueza em face dos causadores, ou ainda, se a sua ação é reprimida pelo sentimento do medo. Nesses casos interveem, como entraves à revolta, a ignorância e a educação; precisamos também contar a hereditariedade, isto é, o hábito de longas gerações anteriores à obediência passiva e a resignação.

A religião tem sido sempre o melhor calmo contra a revolta. Antes de tudo ensina que a injustiça não existe; tudo provém da vontade de Deus, todo o sofrimento não é mais do que uma prova que garante ao paciente as felicidades celestes, para depois da morte. A revolta é um acto impio. A religião ensina aos homens a resignação e a obediência: sempre haverá pobres; além disso, estes devem gratidão aos ricos, pelos benefícios recebidos.

O ensino oficial, principalmente o da escola primária, corrobora a educação religiosa, substituindo-a mesmo em caso de necessidade. O ensino primário inocula os alunos preceitos de moral, moral oficial e absoluta, de forma a dar às crianças preconceitos e hábitos dos quais só com muita dificuldade se podem livrar mais tarde: fatalidade económica, necessidade da ordem social e

da hierarquia social, deveres imperfáveis para com a sociedade, o Estado (i.e., impostos, serviço militar), os patrões, etc.

A riqueza é derivada do trabalho, da previdência; desempenha, além disso, uma função social muito necessária, pela bondade e a caridade.

Gracias aos ricos, podem os operários

trabalhar e ganhar a vida. A verdadeira felicidade consiste em estarmos satisfeitos com a nossa sorte, e contentarmo-nos com pouco. A submissão às leis é necessária para estabelecer a paz, a ordem, a riqueza nacional e a glória da Pátria. De facto, é a religião patriótica a que melhor concorre para formar a obediência cívica. Em suma, para o caso de as velhadas de revolta se manifestarem apesar de tudo, lá está o quadro das sanções ameaçadoras: polícia, tribunais, prisões, exército, etc., para desenrolar de antemão o sentimento do medo.

O resultado desta educação conduz os entes fracos, sobretudo os isolados a resignação passiva. Por maior que seja a avalanche de desgraças a esmagá-lo, qualquer destes indivíduos continuará a suportar resignadamente a adversidade, apenas culpando a sorte, até que, chegado a um extremo em que a vida já não é possível, desaparece afinal. Muitos se suicidam, tendo primeiro o cuidado de pagar integralmente ao senhor e aos fornecedores, e de escrever ao comissário de polícia, a pedir-lhe desculpa do incômodo. Excelente exemplo do escampanhão moral, ou melhor, da perversão que uma má educação pode produzir.

M. PIERROT

TEATROS & CINEMAS

Récita de autores

Esta noite tem, no Apolo, a sua récita de autores os espirituosos escritores portugueses Ascenso Barbosa e Abreu e Sousa, que as nossas plaias já conhecem por várias obras, de repertório alegre, de geral agradável. São elas *Belo Sexo*, *Cigarro Brêjeiro*, *Trôlár* e agora, o *Fruto Proibido*, e grande sucesso de Apolo, onde está

contando as récitas pelas encantadas. A peça que a empresa Otslo de Carvalho apresenta com todo o deslumbramento e com um óptimo desempenho, é esta noite com o Apolo, de correr em permanente garralha.

Com fôda a vivacidade e alegria de sempre, Ascenso Barbosa e Abreu e Sousa

na Casado, Amélia Figueirôa, Dina Mereira, e, entre o elemento masculino, Joaquim Prata, e o «comédie» Artur Rodrigues, Holbache Bastos, Aurélio Ribeiro e José Silva, além de outros.

Notícias

Por doença repentina da gentil actriz Laura Costa não houve ontem espetáculo no Eden-Teatro, onde se está representando com grande êxito a aposta mágica «A Pera de Satanaz». Laura Costa que, felizmente, melhorou muito durante a noite, já hoje fará o seu papel, um dos mais importantes da peça.

Reclamos

O teatro que está sendo preferido pelo público que sabe apreciar peças é o teatro Nacional, onde se está representando com grande êxito o «Passeio do Madrigal» que este Léon Leitão tem na protagonista um belo trabalho e Clemente Pinto e Rafael Marques a acompanham soberbamente.

Esta noite, maior entusiasmo deve haver, visto que se realiza a récita dedicada pela administração do Nacional ao autor, o escritor Augusto de Lacerda.

Continua sendo o grande acontecimento da actualidade a reabertura da Trindade sem dúvida o melhor teatro de Lisboa e já agora o melhor ponto de reunião de todas a gente de bom gosto. Repete-se a encantadora peça de Schwalbach «Fogo Sagrado» que está sendo a obra de teatro mais discutida de luto, quer por sensação de trabalho material.

Os melhores espetáculos de Lisboa são, incontestavelmente, os do Coliseu dos Recreios.

A sua magnífica companhia de círco é das mais completas e variadas que tem vindo a Portugal. Todas as noites desperta grande entusiasmo o arriscadíssimo trabalho dos célebres artistas e ginastas em duplo trapézio Elvira Trutte e Partner, do arrojado Bólido Huimano e os célebres voadores Les Athémes cujos exercícios são sempre rematados com vi-

OLÍMPIA — A's 20,30 — Animatógrafo, SALÃO FOZ — A's 14,30 e 20,30 — Varieté, CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Animatógrafo, CONDES (Avenida) — Animatógrafo, CINEMA (Avenida) — Animatógrafo, CINEPARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo, IDEAL (Lerote) — Animatógrafo, LESTA (família) — Animatógrafo, ROSSIO (arco Bandeira) — Animatógrafo, CHANTECLER (Praça dos Restauradores) — Animatógrafo, PROMOTOR (Largo do Calvario) — Animatógrafo, EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Animatógrafo.

Siomara falava verdade; seu irmão empalidecia, as suas feições exprimiam o horror e o espanto..., porque ao fazer-lhe estas abomináveis revelações, a fisionomia da irmã permanecera indiferente e quase alegra... A sua voz, tranquila e meiga animava-se falando naquelas horríveis voluptuosidades que Siomara encontrava em certos mistérios. Estas palavras tornando-lhe as dúvida mais pungentes do que nunca, recordando-lhe a vissão daquela noite, Sylvest estremeceu e afastou-se bruscamente da irmã, cujo braço até ali se lhe encostara ao ombro; depois, erguendo as mãos para o céu, exclamou, como se não pudesse acreditar no que via e no que ouvia:

— Oh! deuses omnipotentes! e entretanto esta infeliz enternecia-se há um instante com as recordações da nossa infância! chorava ao ouvir a narração das torturas de meu paiz! Deuses de misericórdia! será ainda uma visão, um fantasma, que toma a semelhança de minha irmã...

Siomara, encarando Sylvest com surpresa, fez um movimento para se aproximar dele; mas parou a um gesto seu cheia de espanto.

Então, fixando nôelle os seus lindos olhos, disse-lhe com voz sempre meiga e terna:

— Pobre irmão! que tens tu? de que procede a tua inquietação? Viste-me, dizes tu, enternecer-me e chorar com as recordações da nossa infância..., com a narração das misérias e das torturas do paiz e das tuas...

— Sim..., e venido correr as tuas lágrimas, as minhas últimas suspeitas dissiparam-se...

— Quais suspeitas!

— Não te contei eu a minha horrível visão desta noite?

Siomara ficou um momento silenciosa e pensativa; depois dirigindo-se ao escravo, sem pejo nem susto, disse-lhe em voz baixa e do mesmo modo que se faz uma confidência amigável:

— Irmão, agora, posso confessar-to, não era uma visão; era eu mesma que tu viste esta noite...

— Ao ouvir uma tal revelação, Sylvest correu para a porta, e só então notou que estava fechada. Não pôde conseguir abrir-a, posto que duplicasse os seus esforços, ouvindo Siomara repetir ainda:

— Não, não era uma visão... A Siomara desta noite... a Siomara feiticeira... era eu, era tua irmã...

E acrescentou com um acento de meiga repreensão:

— Não te mostres coração fraco...

— Deuses! exclamou ele com alegria, impressionado de uma súbita idéia, vós a tornastes insensata. Oh! agora, já não é horror que tu me inspiras, desgrada!

— Acrecentou ele não podendo conter os soluções e aproximando-se da irmã: é do, únicamente, que tu me inspiras... Oh! o meu coração retalha-se de dor vendo tão jovem, tão bela, e com a razão perdida... Sim, o meu coração despedeça-se, mas não palpita à vista de um monstro; porque tu não és mais do que uma pobre louca...

— Louca... eu... porque as minhas lágrimas correram ao ouvir as tuas narrações? E' isto o que te surpreende? Também a mim me surpreendeu, eu o confess... Mas essas lágrimas eram sinceras; com que fim as teria eu fingido? para que? visto que devia fazer-te esta revelação e dizer-te: A feiticeira desta noite era eu...

— Sim, eras tu, pobre criatura, respondeu Sylvest com aquela condescendência que quase sempre se tem com os insensatos, a fim de não os irritar. Sim, eras tu... sim.

— Irmão..., falas de fraqueza de espírito? o teu é que é fraco; queres negar o que não comprehendes... Esta noite, pela traição do eunuco, viste-me jovem e bela; transformei-me a teus olhos em uma horrível velha... Compreendes agora, melhor do que compreendeste as minhas lágrimas de há pouco? E toda a tua essa transfiguração era verdadeira como o pranto que derramei diante de ti. Já não tens de que te admirar.

— A' lembrança deste sortilegio, de que ele fôra tes-

— Louca on não, sua irmã era bruxa, era um desses monstros, horror da natureza, dos homens e das deuses. Quiz tentar uma ultima e terrível experiência; e conspirando-se, continuou:

— Pobre insensata! se és verdadeiramente feiticeira, diz-me o que fizeste a noite precedente? onde foste?

— A casa de Faustina..., ao templo do canal.

— Como estavas vestida?

— Da mesma maneira que esta noite, à hora em que sai para os meus encantamentos.

— Não, não! exclamou Sylvest fôra de si, vendo fugir-lhe a sua última esperança; não, não eras tu; porque a feiticeira prognosticou a Faustina que Siomara seria sua vítima. Farias tu esse prognostico contra ti própria?

— Oh! prognostico horrivel... decifrado por ti ou pelo teu espírito, por entre os vestígios brancos que deixaram sobre o tapete vermelho os dedos hirtos da escrava envenenada...

— Mas quem te disse isso?

— Deuses! tende piedade de mim!

— Já que estás ao facto de tudo, irmão, sabe também que, para enganar Faustina, a quem odeio, obi a quem odeio muito..., porque esse ódio remonta a três anos..., estávamos nós ambas em Nápoles..., quiz, na ultima noite, incutir a Faustina uma visão, cuja perda deixa de dar de um golpe espantoso. Então, por sortilegio, tomei as feições da feiticeira de Thessália, que ela mandára chamar; e essas feições tomei-as novamente esta noite, diante de ti, saindo para cumprir outros encantos mágicos...

— Ainda o confessas!... fôste tu que fizeste perecer aquela jovem de dezesseis anos dando-lhe morte horrivel, a fim de enganar Faustina...

— Sim, replicou Siomara com ar inspirado; sim, essa escrava morreu por causa dos meus sortilégios... o que ela me revelou na sua agonia, Faustina, iludida pelas minhas enganosas palavras, ignora-o, e eu, no queles vestígios traçados por mim

LISBOA NA RUA

Rendimento dos operários

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada João Gonçalves, de 33 anos, marido, residente em Vila Real de Santo António, o qual deu uma queda a bordo de um barco ali fundado, fracturando a perna direita.

Queimada com água fervente

Na enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, deu ontem entrada Ana Gonçalves, de 30 anos, natural da Guarda, doméstica, e residente na rua de São João da Praça, 44, loja, que há dias na residência se queimou com água fervente na perna e braço direito.

Rendimento dos operários

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada João Gonçalves, de 33 anos, marido, residente em Vila Real de Santo António, o qual deu uma queda a bordo de um barco ali fundado, fracturando a perna direita.

Queimada com água fervente

Na enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, deu ontem entrada Ana Gonçalves, de 30 anos, natural da Guarda, doméstica, e residente na rua de São João da Praça, 44, loja, que há dias na residência se queimou com água fervente na perna e braço direito.

Rendimento dos operários

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada Ana Gonçalves, de 30 anos, natural da Guarda, doméstica, e residente na rua de São João da Praça, 44, loja, que há dias na residência se queimou com água fervente na perna e braço direito.

Rendimento dos operários

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada Ana Gonçalves, de 30 anos, natural da Guarda, doméstica, e residente na rua de São João da Praça, 44, loja, que há dias na residência se queimou com água fervente na perna e braço direito.

